



CONFERÊNCIA EPISCOPAL DE ANGOLA E SÃO TOMÉ

CEAST

Triénio Pastoral 2021-2024 (dedicado às Crianças)

Lema:

“DOS PEQUENINOS É O REINO DOS CÉUS”

(Cf. Mt 19, 14)

2º Ano do Triénio Pastoral (2022-2023)

A EDUCAÇÃO DA FÉ DAS CRIANÇAS





CONFERÊNCIA EPISCOPAL DE ANGOLA E SÃO TOMÉ

CEAST

INTRODUÇÃO

Depois de termos vivido, com intensidade e entusiasmo missionário, o primeiro ano do triénio pastoral dedicado às crianças e reflectido sobre o tema “*as crianças, afirmação da vida*”, neste segundo ano do triénio, trataremos da “*educação da fé das crianças*”.

A formação da personalidade humana obedece às etapas de crescimento da pessoa. Por isso, os adultos têm a tarefa de acompanhar essa evolução, em cada etapa. Tais etapas são favorecidas ou desfavorecidas pela situação mundial, continental ou regional em que elas vivem. O processo da educação para a fé das crianças, o ensino, a evangelização e catequese exigem criatividade, coragem e ousadia, ou seja, «*precisamos de ter o mesmo entusiasmo dos cristãos da primeira hora*»¹.

A situação mundial remete-nos para cuidados redobrados na educação da fé das crianças. De facto, a corrupção difusa, a desagregação dos valores da família, a ausência de alguns pais nos lares para o desempenho da sua missão, o relativismo moral, a indiferença e a ignorância religiosas, o fraco sentido de pertença à Igreja, o ateísmo prático etc... constituem desafios que influenciam a educação da fé das crianças.

Neste contexto, a África, em particular, é um dos continentes onde a fé cristã cresce cada vez mais. Apesar disso, a maior parte das crianças africanas está exposta a perigos e influências negativas, como o proselitismo das seitas religiosas, o mau uso das redes sociais e dos programas televisivos inadequados à sua idade.

Em Angola, há sinais preocupantes da pobreza que, em quase todas as partes, deixam as crianças sem condições para frequentar a escola ou a catequese. A falta de assistência médica e medicamentosa e de garantia de educação dos filhos é outro motivo que acarreta consequências nefastas com a ausência das crianças das suas casas, na faixa dos 6 aos 14 anos. São crianças que passam a maior parte do tempo na rua, sem a atenção e os cuidados paternos e familiares.

Algumas crianças fogem de casa por causa dos maus tratos, da violência no seio familiar e da crise económica que assola o País. Há insuficiência de escolas, de hospitais, de habitação condigna, de alimentação e de outros equipamentos sociais indispensáveis!

Como Igreja, convidamos todos a proteger e salvar a inocência e a beleza das novas gerações, para que tenhamos, no futuro, cidadãos saudáveis, construtores de uma Angola reconciliada, feliz e pacífica, onde todos possam viver em paz e em harmonia.

Assim, a nossa mensagem para este segundo ano do triénio pretende alcançar as seguintes metas:

- a)** - Priorizar, dentro do processo da evangelização e catequese, em todas as Dioceses de Angola e São Tomé, a urgente necessidade das crianças conhecerem Jesus, através de uma linguagem clara, aberta e acessível à sua idade;
- b)** - Incentivar as famílias a participarem, com maior solicitude, no processo eclesial da educação da fé das crianças;

¹ Cf. João Paulo II, *Novo Millennio Ineunte*, 58



CONFERÊNCIA EPISCOPAL DE ANGOLA E SÃO TOMÉ

CEAST

c) - Privilegiar o conhecimento e o aprofundamento da fé e da doutrina cristã pelas crianças, na relação de cooperação entre Igreja e Estado;

d) - Promover uma catequese que indique, com clareza e profundidade, as vantagens e desvantagens das novas tecnologias no processo da evangelização.

Deste modo, a nossa mensagem desenvolve-se nos seguintes moldes:

1. O Primeiro Capítulo trata da *missão evangelizadora da Igreja*, como acção prioritária e vocação própria da Igreja. As crianças só conhecerão Jesus se tomarmos a evangelização como tarefa divina.

2. O Segundo Capítulo cinge-se ao lugar da família na educação da fé das crianças, tendo como exemplo a Sagrada Família de Nazaré.

3. O Terceiro Capítulo ocupa-se da escola na educação da fé das crianças e presta especial atenção à cooperação entre a Igreja e o Estado, a fim de se garantir uma formação integral das crianças.

4. O Quarto Capítulo destaca os desafios contemporâneos, nomeadamente as novas tecnologias de informação e comunicação, as suas vantagens e desvantagens no processo da evangelização e da formação da vida cristã, bem como a defesa do meio ambiente na educação da fé das crianças.

I CAPÍTULO

A IGREJA E A SUA MISSÃO EVANGELIZADORA

1. A evangelização, processo eclesial

O *Directório para a Catequese (2020)*, no seu número 31, diz: «a evangelização é um processo eclesial, inspirado e sustentado pelo Espírito Santo, através do qual o Evangelho é anunciado e se difunde em todo o mundo». Esta acção é prioritária porque «constitui a graça e a vocação própria da Igreja, na sua mais profunda identidade»². As crianças recebem uma atenção preferencial de Jesus, quando diz: “*Deixai as crianças e não as impeçais de vir a Mim, pois delas é o Reino dos Céus*” (Mt 19, 13b).

A acção evangelizadora da Igreja nutre a fé dos baptizados e ajuda-os no processo permanente da conversão. É dever de todo o cristão ensinar às crianças a Palavra de Deus, para que, a partir do Evangelho, a sua fé se fortifique e amadureça. Por isso, todos os cristãos têm sobre si o dever de educar as crianças e devem sentir-se motivados e impulsionados a ser também eles os difusores da mensagem evangélica, a exemplo dos Apóstolos: «*não podemos calar aquilo que vimos e ouvimos*» (Act 4, 20).

² EN 14



CONFERÊNCIA EPISCOPAL DE ANGOLA E SÃO TOMÉ

CEAST

1.1. A catequese no processo da educação da fé das crianças

No centro da catequese, encontramos uma Pessoa, Jesus de Nazaré, Filho único do Pai, que sofreu e morreu por nós e agora, ressuscitado, vive connosco para sempre. Toda a catequese é uma actualização da Pessoa de Cristo, tudo está em relação com Ele³. Somente Cristo é o Mestre e todo o outro que ensina fá-lo na medida em que é porta-voz⁴.

Neste sentido, encorajamos os cristãos a destacarem-se no ensino da catequese e a fazerem de Cristo a razão de ser de todo o processo formativo da fé das crianças. De igual modo, recomendamos aos pais, aos encarregados de educação, aos educadores da infância, aos catequistas, aos párocos, aos missionários e a todos os agentes da pastoral, a fazerem de Cristo o centro da catequese. Exortamos todos a trabalharem, com docilidade, no ensino da catequese sistemática nas paróquias e centros pastorais, aceitando, de bom grado, *“perder tudo pela excelência do conhecimento de Cristo Jesus, para ganhar a Cristo e ser encontrado unidos Nele”* (Fil 3,8-11).

Encorajamos todos a fazer o esforço necessário para que as crianças que se encontram inseridas nas associações, grupos e movimentos apostólicos e que ainda não fizeram todo o itinerário de catequese sacramental, sejam inscritas nas respectivas “classes” de catequese paroquiais e das Escolas Católicas, para que a sua educação na fé cristã seja completa. Que as crianças não sejam mantidas em associações, grupos ou movimentos apostólicos, fora do processo catequético formal recomendado, privando-as dos meios adequados de educação e ensino cristão e, conseqüentemente, de receberem os sacramentos de iniciação cristã.

Nesta ordem de ideais, notamos, com alguma preocupação, em algumas paróquias, centros pastorais e capelas das nossas Dioceses, pouco envolvimento dos agentes de pastoral – *sacerdotes, religiosas e catequistas* – no processo educativo da fé das crianças.

Constatamos, também, que são vários os motivos que estão na origem desse desafio pastoral: o tempo diminuto dedicado à evangelização e à catequese; a função pública pouco orientada; o número reduzido de catequistas; a vasta extensão territorial das paróquias; o difuso proselitismo realizado pelas seitas religiosas; a pobreza que obriga as crianças a preocuparem-se fundamentalmente com o que têm de comer e de vestir, ao invés da educação cristã; a pouca assistência sanitária e os escassos cuidados de saúde preventiva, que as tornam presas fáceis de pandemias e hospedeiras de doenças endémicas; a nova mentalidade relativista, que induz e proclama aos quatro ventos a vitória das *“pseudo-liberdades”* deturpadoras das virtudes cristãs e da hierarquia dos valores culturais africanos.

Estes são, entre outros, os factores que contribuem para o enfraquecimento da catequese nas nossas comunidades eclesiais. Incentivamos todos os agentes de pastoral a assumirem a evangelização e catequese *“não como um privilégio, mas como uma obrigação”* (cf. 1 Cor 9,16); a ser criativos e a exercer o seu dever, com generosidade e dedicação, a fim de que as comunidades cristãs ofereçam às crianças percursos formativos concretos e integrais, nos quais seja possível acolher e aprofundar a sua fé e a beleza do anúncio do Evangelho.

³ Cf. CCE 426

⁴ Cf. CCE 427



1.2. A catequese nas Dioceses

A Diocese, sendo Igreja em plenitude, na comunhão de todas as Igrejas, é o sujeito qualificado para a educação da fé cristã dos seus filhos. Ela é chamada a trilhar o caminho da redescoberta da dimensão comunitária do anúncio do Evangelho e a consolidar os aspectos da vida cristã: a escuta da Palavra, a prática da piedade e a caridade⁵. Embora reconhecendo que a Igreja não tem um método exclusivo para anunciar o Evangelho, mas deve examinar tudo e reter o que é bom (cf. *ITs* 5, 21)⁶, exortamos a que a evangelização e a catequese, nas Dioceses, sejam feitas em comunhão com toda a Igreja, de modo que, mantendo vivo o primado da graça, a Igreja diocesana oriente, com a responsabilidade que lhe é própria, os processos catequéticos e os seus métodos. Somos conscientes de que, no nosso mundo actual, a proposta catequética e o itinerário formativo da vida cristã realizam-se em contextos que, por vezes, colocam em questão as formas tradicionais de iniciação e de educação para a fé.

Ao longo da história da Igreja, muitos carismas ao serviço da Palavra de Deus geraram diferentes percursos metodológicos, sinal de vitalidade e de riqueza; tal como diz, o Apóstolo São Paulo: “*a cada um de nós foi concedida a graça, na medida em que recebeu o dom de Cristo*” (*Ef* 4,7). Sendo assim, o mais importante, seja nos processos catequéticos, seja na educação da fé das crianças ou nas propostas da evangelização e catequese em geral, é evitar “caminhar sozinho”, à margem do percurso sinodal da Igreja.

1.2.1. Uniformidade dos conteúdos catequéticos

A Igreja particular, enquanto povo de Deus peregrino, é chamada:

- a) A fazer uma análise cuidada da situação da catequese no seu território, tomando consciência dos aspectos socioculturais e religiosos do seu contexto, em vista de uma adequada interpretação pastoral para a inculturação da fé⁷;
- b) É convidada a desenvolver, da melhor maneira, a catequese e a educação cristã das crianças, como expressão evangelizadora dentro do seu contexto cultural e social;
- c) A fazer uma melhor articulação da catequese, entendida como serviço único, «capaz de integrar todos, partindo da pessoa do bispo e de toda a comunidade cristã, na qual, cada um (*presbíteros, diáconos, religiosos e leigos*) actua segundo a sua condição para oferecer, de modo pleno, a Palavra e o testemunho completo da realidade eclesial»⁸;

⁵ Cf. DC 303

⁶ Cf. Id 304

⁷ Cf. Id 418

⁸ Cf. DGC 294



CONFERÊNCIA EPISCOPAL DE ANGOLA E SÃO TOMÉ

CEAST

Desta forma, recomendamos que, ao longo dos próximos anos, se façam, nas nossas Dioceses, os ritos próprios de passagem de uma etapa formativa à outra, para se garantir, a todos os que se aproximam da Igreja, conhecer, celebrar, viver e anunciar o Evangelho, dentro do próprio horizonte cultural. Recomendamos também, em atenção ao caminho sinodal da Igreja Universal, que os programas de catequese e todos os percursos formativos da vida cristã, mesmo que estes integrem os valores locais, sejam uniformes no seu conteúdo.

1.3. A paróquia, comunidade de fé

Nos últimos anos, em Angola, verificamos mudanças substanciais na sociedade e na Igreja, que se manifestam como desafios à paróquia enquanto espaço comunitário e instituição evangelizadora. Assistimos, um pouco por toda a parte, à rápida expansão das cidades, o surgimento de novas centralidades, o aumento da densidade populacional e o crescimento exponencial de vilas, bairros e aldeias.

O êxodo rural, o nomadismo e a transumância são, entre vários fenómenos sociais, aqueles que obrigam as crianças, em idade escolar, a permanecer fora do sistema de ensino e da educação formal.

Para além destas circunstâncias, as nossas paróquias são, ainda, afectadas, não só pela escassez do clero, de religiosos, de religiosas, de catequistas e de missionários leigos, mas também pelo fraco desempenho e disponibilidade pastoral de alguns deles. Tudo isto dificulta o processo da evangelização, da catequese e da educação da fé das crianças.

A paróquia, para continuar a ser «*a Igreja no meio das casas dos seus filhos e filhas ao serviço da evangelização*»⁹, precisa de dar início a um processo de conversão missionária e de assumir formas novas na transmissão do conteúdo da fé, o que requer docilidade e criatividade do pastor e da comunidade¹⁰. Isto, também, exige que a paróquia esteja em contacto com as famílias, com os grupos, associações e movimentos apostólicos, com a vida do povo e não se torne uma estrutura separada das pessoas, mas saiba integrar, na mesma acção apostólica, os carismas e as iniciativas pastorais¹¹. Assim, a paróquia continuará a ser «o lugar ordinário no qual se nasce e se cresce na fé»¹², a comunidade de discípulos missionários que faz experiência de Cristo ressuscitado e que, mesmo na fraqueza dos seus membros, vive a fraternidade, tornando-se, ela própria, o primeiro e natural anúncio da fé e da educação cristã das crianças.

1.4. Os movimentos e as associações apostólicas

Os grupos, as associações, os movimentos apostólicos e os diferentes grupos eclesiais representam um verdadeiro dom de Deus para a actividade missionária, bem como um recurso de renovação e de apostolado. Esses movimentos – *a Infância Missionária, Crianças da Eucaristia, os Lobitos no*

⁹ Cf. DC 298

¹⁰ Cf. Id., 300

¹¹ Cf. EG 28; DC 300; ChL 26

¹² Cf. DGC 257; DC 299



Escutismo Católico e outros – são verdadeiras escolas de amizade entre Cristo e a criança. Neles, as crianças se tornam verdadeiras amigas de Cristo, na escuta da palavra, na prática da piedade, no apostolado, na solidariedade, no compromisso e no serviço de caridade¹³. Nisto, os movimentos e as associações são espaços fecundos onde nasce e cresce a fé e verdadeiras fontes vivas de promoção de vocações. Sendo a catequese inevitavelmente obra da Igreja, as associações, os movimentos e os grupos eclesiais deverão colocar-se em sintonia com os planos pastorais diocesanos, respeitando a natureza própria da catequese¹⁴. Assim, os seus membros deverão esforçar-se por realizar uma das suas principais finalidades: a promoção da catequese comprometida com a vida, capaz de semear nas crianças o espírito de fé, de entrega e de dedicação a Deus, através da formação e de encontros de partilha na família, na paróquia e na sociedade. Deste modo, as crianças bem motivadas e orientadas na fé, crescem espiritualmente na comunhão, na piedade e na caridade.

1.5. O encontro com Cristo: finalidade da educação da fé das crianças

Os desafios socioculturais e religiosos do contexto actual requerem novas iniciativas pastorais, por parte dos agentes da pastoral da criança. A catequese, feita na base da leitura, da escuta, do estudo e da meditação da Bíblia, do “*Catecismo da Igreja Católica*”, “*do Directório para a Catequese (2020)*” e dos demais documentos do Magistério e de outros meios que a Igreja dispõe para a evangelização e catequese, é o caminho mais adequado para uma catequese eficiente na situação actual, já que «o fim definitivo da catequese é colocar os catequizandos, não só em contacto, mas também em comunhão e em intimidade com Cristo»¹⁵.

Para esse encontro íntimo de comunhão com Cristo, estão convidadas todas as crianças, dando-se uma atenção particular àquelas com necessidades especiais, vítimas da fome, das drogas, de injustiças sociais; àquelas crianças perdidas no meio de conflitos familiares e que sentem na pele as consequências do divórcio ou da separação conjugal, sentindo-se, amiúde, culpadas e não vítimas da situação; aquelas crianças oriundas de famílias pagãs e aquelas que não professam a fé católica, enfim, crianças sem perspectivas para o futuro, nem sentido para a vida. Estas são as crianças que precisam de se encontrar com Jesus, implorando-Lhe que Ele as devolva à vida e à felicidade “roubadas”, como fez à “filha de Jairo” (Mc 5, 35-43). Esse encontro acontece mediante gestos de proximidade e de caridade numa catequese que seja espaço e momento concreto de diálogo, de aprendizagem, de amadurecimento da fé e do encontro com Jesus Cristo vivo e Ressuscitado.

¹³ Cf. DC 304

¹⁴ Cf. Id., 308

¹⁵ DGC 80; CT 5



II CAPÍTULO

A FAMÍLIA NA EDUCAÇÃO DA FÉ DAS CRIANÇAS

2. A família no plano de Deus

A família está no plano originário de Deus sobre o homem. É parte do plano de Deus que a família seja o âmbito fundamental, insubstituível e natural, para a transmissão da fé às crianças¹⁶. São João Paulo II definia a família como «lugar natural dentro do qual se leva a cabo a inserção da pessoa humana na grande família da Igreja; a célula originária da vida social»¹⁷.

Neste sentido, a família é a escola natural e essencial da formação da fé das crianças; a forma básica e mais simples da realização das aspirações profundas do homem; a sementeira da vida social; o lugar onde se cultiva a obediência, o interesse e o cuidado pelos outros, o sentido de responsabilidade, a compreensão e a ajuda mútua, a coordenação amorosa entre os diversos modos de ser e de viver¹⁸. Além disso, “a família cristã é para os seus filhos, para a Igreja e para a sociedade, testemunha do dom da vida e da fé em Deus Criador”¹⁹. O futuro das crianças e da comunidade humana depende, em boa parte, da família: «graças a ela, a Igreja torna-se família de famílias e se enriquece com a vida destas igrejas domésticas»²⁰.

2.1. Aprender com a Família de Nazaré

Todo o lar cristão tem na Sagrada Família o seu exemplo mais cabal. O Evangelho segundo São Lucas (Lc 2, 41-42) apresenta-nos Maria e José a irem até Jerusalém na altura da festa da Páscoa, juntamente com Jesus, quando este tinha doze anos. E Lucas informa: «Terminados os dias festivos, quando eles regressam a Nazaré, acontece algo inesperado! Sem que seus pais o notassem, Jesus permaneceu na cidade. Por três dias, Maria e José procuram-no tendo-o encontrado no Templo, sentado no meio dos doutores, ouvindo-os e interrogando-os» (Lc 2, 43-47).

Este episódio revela a mais autêntica e profunda vocação da família: a de acompanhar cada um dos seus filhos pelo caminho da descoberta de Deus e do desígnio que Ele lhes propõe. Imitando a Sagrada Família de Nazaré, os pais deverão preocupar-se não só pelo crescimento físico e psicológico dos filhos, mas também pelo seu crescimento espiritual, a fim de que amadureçam como homens responsáveis e cidadãos honestos. Sem se esquecerem de que a fé é dom de Deus,

¹⁶ Cf. GS 50

¹⁷ CCE 2225

¹⁸ CCE 2225

¹⁹ CEAST, *Mensagens pastorais*: «Família Matrimónio Reconciliação e Cultura», 2016, p.31

²⁰ DC 226



CONFERÊNCIA EPISCOPAL DE ANGOLA E SÃO TOMÉ

CEAST

devem educar os filhos seguindo o exemplo de Maria e de José, que educaram Jesus com o próprio testemunho de vida. Nos seus pais, Jesus conheceu a beleza da fé, do amor de Deus seu Pai e da sua Lei, bem como as exigências da justiça, que encontram o seu pleno cumprimento no amor ao próximo (*Rm*13, 10).

A Sagrada Família de Nazaré é o modelo de cada família cristã. Esta, unida pelo Sacramento do Matrimónio, alimentada pela Palavra e pela Eucaristia, é chamada a realizar a sua vocação e missão de ser célula viva, não apenas da sociedade, mas da Igreja, sinal e instrumento de unidade do género humano. Os lares cristãos devem imitar a Sagrada Família de Nazaré no processo de educação da fé dos seus filhos. Assim, cada um dos membros da família esforçar-se-á em melhorar o seu relacionamento pessoal com o Senhor e, também, os laços de irmandade dentro do convívio familiar.

2.2. O papel dos pais na família

A educação à fé, por parte dos pais, deve começar desde a primeira infância. Essa educação ocorre quando «os membros da família se ajudam a crescer na fé pelo testemunho de uma vida cristã de acordo com o Evangelho»²¹. O meio familiar é o primeiro lugar de convivência e amadurecimento da fé das crianças. Os pais são os principais e os primeiros educadores dos seus filhos e dão testemunho desta responsabilidade, em primeiro lugar, pela criação de um lar no qual o amor, a obediência, o respeito, o perdão, o acolhimento, a ternura e a felicidade são a regra.

Dentro do lar cristão, os pais não assumem apenas a responsabilidade de gerar filhos, como também de alimentá-los, protegê-los, educá-los e ensiná-los a rezar: antes e depois das refeições, ao ir para a cama e ao despertar, bem como a escutar e a meditar as Escrituras. São os pais que transmitem aos filhos os primeiros hábitos da piedade popular e as práticas religiosas: fazer o sinal da cruz, ajoelhar-se, etc...

Em função disso, os pais são chamados, nos grandes e pequenos eventos de cada dia, a testemunhar, com palavras, gestos e atitudes, a sua fé e a sua confiança em Deus. Por isso, no processo da formação da fé das crianças, o primeiro passo a dar-se é a formação e a consciencialização dos pais enquanto protagonistas da educação cristã dos filhos.

Saudamos a dedicação e o zelo de muitas mães que acompanham as crianças na formação espiritual e na educação cristã e desencorajamos a atitude daqueles pais que se furtam da responsabilidade na educação de seus filhos, considerando-a tarefa exclusiva da mãe. Ser pai é um dom de Deus. Ora, quem recebeu esse dom deve viver em conformidade com o dom recebido. Não basta trazer o filho à terra. É importante acompanhá-lo e educá-lo com amor, carinho e atenção, nas fases do seu crescimento e nas da maturação da sua fé. A este respeito, reiteramos o que disse São João Paulo II: «Os pais cuidarão da educação cristã dos filhos. Com a ajuda concreta de famílias cristãs sólidas, serenas e comprometidas, as Dioceses programarão o apostolado familiar no quadro da pastoral de conjunto»²².

²¹ CCE 2226

²² João Paulo II, Exortação Apostólica «*Ecclesia in Africa*», 2000, p.72.



2.2.1. Vida exemplar na família

O exercício de transmitir aos filhos a fé, permite que a família se torne evangelizadora e, espontaneamente, comece a transmiti-la a todos os que se aproximam dela e mesmo fora do próprio ambiente familiar²³. Dos pais e dos familiares, as crianças necessitam de exemplos e de respostas claras. Iluminadas pela fé em Deus, elas percebem as coisas que aprendem e apreendem da sua família, da sociedade e do meio ambiente.

Nesse processo, os questionamentos são necessários, e os pais devem ser os primeiros a imprimir a fé na alma e no coração dos seus filhos, mediante atitudes salutares, como a oração pessoal e comunitária, o hábito da leitura e do comentário da Bíblia, de acompanhá-los à missa e à catequese. Lembrem-se, os pais, que a catequese familiar precede, acompanha e enriquece as outras formas de ensinamento da fé das crianças, nunca esquecendo que «devem considerar os seus filhos como filhos de Deus e respeitá-los como pessoas humanas»²⁴.

2.2.2. Amor e paciência nas dificuldades

Hoje a sociedade pretende substituir o papel dos pais, no processo do crescimento e desenvolvimento integral das crianças. Muitas são as propostas que a sociedade sugere aos pequeninos e estes, se não forem devidamente orientados pelos pais, acabam por perder o rumo do seu crescimento humano e da maturidade da sua fé.

Conhecemos as dificuldades que as nossas famílias enfrentam. Muitos são os afazeres quotidianos, a pobreza e várias outras preocupações para garantirem a sobrevivência e a harmonia no lar. Não é fácil deixar de lado os problemas do dia-a-dia, para entrar, de corpo e alma, no clima de convivência familiar em prol do crescimento espiritual dos filhos. Ainda assim, exortamos os pais a conciliarem os mais diferentes âmbitos da vida cristã com a experiência concreta da vida familiar; a ousarem e a serem criativos no processo da educação da fé das crianças; a realizarem percursos de fé que os ajudem a consolidar a consciência da sua identidade e missão, por forma a exercerem, de maneira profícua, a sua tarefa originária de educadores da fé, promovendo e imprimindo, na mente e na alma das crianças, a verdadeira espiritualidade da “*Igreja família*”²⁵.

2.3. O papel dos avós na educação da fé das crianças

«Às pessoas idosas, muitas vezes tidas por inúteis, senão mesmo um peso insuportável, a Igreja pede e delas espera que continuem a sua missão apostólica e missionária, necessária e obrigatória, mesmo nessa idade»²⁶, porque até na velhice – dizem as Sagradas Escrituras – «*darão frutos, conservarão a sua seiva e o seu frescor, para anunciar quão justo é o Senhor*» (Sl 92, 15-16).

²³ AL 209

²⁴ DC 268

²⁵ Cf. ChL 30

²⁶ ChL 48



CONFERÊNCIA EPISCOPAL DE ANGOLA E SÃO TOMÉ

CEAST

A Bíblia apresenta o idoso como símbolo da pessoa rica de sabedoria e de temor de Deus (*Sir* 25,4-6), depositário de uma intensa experiência de vida que, de certo modo, faz dele o catequista natural. Os avós têm na família e na Igreja uma missão especial. Com a sua sabedoria e exemplo podem mostrar aos netos o caminho da luz que está em Cristo, como no-lo diz o livro dos Provérbios: «*a coroa dos velhos são os filhos dos filhos; e a glória dos filhos são os seus pais*» (*Prov.17, 6*).

Por causa das preocupações ordinárias, os avós têm sido discriminados e o seu lugar, no seio da família, tem sido cada vez mais diminuto. O sentimento de aversão e as atitudes de descarte dos idosos são mais frequentes do que nunca. Uma mentalidade feiticista, contrária à rica tradição africana, vai lentamente ganhando espaço de influência nas sociedades actuais.

Muitos são os preconceitos que recaem sobre o idoso, chegando mesmo a atribuir-se-lhe a causa dos infortúnios e mortes na família, na aldeia e no bairro. O seu cabelo branco, as suas rugas, os seus movimentos trémulos, ao invés de o tornar o elemento agregador da família e da sociedade, são, em certos contextos culturais, motivo suficiente para o acusarem de ser "mais um velho temido e feiticista" do que um acervo de experiência.

É preciso lutar contra a mentalidade feiticista, que julga e condena os idosos quando estes já não têm forças para se defender. É urgente educar as crianças para uma fé comprometida com a vida. Motivá-las a amar e a cuidar dos idosos, porque "cuidar" faz parte da história, da experiência e dos valores da família.

Apesar da complexidade dos problemas que os avós enfrentam como as forças que gradualmente lhes vão faltando e as incompreensões que enfrentam, derivadas de uma mentalidade feiticista, da cultura egoísta e do descarte, os avós têm, na Igreja e na sociedade, uma missão a cumprir e um contributo ímpar a dar às novas gerações. Eles são, na Igreja e na sociedade, “*as testemunhas da tradição da fé*” (*Ex.12, 26-27*), “*os mestres de vida e obreiros da caridade*”²⁷ (cf. *Sir. 6, 34*).

É importante que a família e a comunidade cristã continuem a desempenhar o seu papel de prestar cuidados aos avós e que estes se mantenham integrados no seu contexto familiar e social porque, com o seu testemunho de fé, transmitem às crianças o sentido da vida, o valor da tradição e a importância das práticas religiosas. Por isso, é preciso ensinar às crianças que o avô não é um fardo, mas uma escola de aprendizagem.

III CAPÍTULO

A ESCOLA E A EDUCAÇÃO DA FÉ DAS CRIANÇAS

3.1. O caso da educação em Angola

Existem em Angola muitas crianças em idade escolar, principalmente meninas, que não frequentam a escola, ou que, por alguma razão, a abandonaram. Esta situação preocupa a Igreja e a sociedade angolanas, pois esta difunde-se cada vez mais, mormente nas áreas rurais, aonde certas comunidades, desde muito cedo, motivadas pela fome, pela transumância ou pelo

²⁷ Ibid.



CONFERÊNCIA EPISCOPAL DE ANGOLA E SÃO TOMÉ

CEAST

envolvimento das crianças em trabalhos domésticos, as privam do ensino formal e da catequese. Isto sucede com maior incidência na fase da iniciação e da transição para o ensino secundário. Diante deste cenário pouco promissor, encorajamos todos os agentes da pastoral a desempenhar com solicitude a tarefa educativa como alicerce e garantia de um futuro melhor para as crianças e para a sociedade, lembrando o que diz o Papa Francisco: «uma boa educação escolar em tenra idade coloca sementes que podem produzir efeitos durante toda a vida»²⁸.

3.2. O que diz a Igreja?

A educação, hoje, apresenta-se como uma tarefa complexa, desafiada pelas rápidas mudanças sociais, económicas e culturais. Ainda assim, a sua missão específica permanece: a formação integral da pessoa humana.

Às crianças devem ser garantidas as possibilidades de desenvolver, harmoniosamente, as próprias qualidades físicas, morais, intelectuais e espirituais. As crianças devem ser ajudadas a adquirir um sentido mais perfeito da responsabilidade da própria vida, a vencer os desafios com magnanimidade, verdade e constância, motivadas a apreender o recto uso da liberdade e a participar, activamente, na vida social.

À medida que vão crescendo, é preciso que sejam formadas na educação sexual positiva e sejam capazes de se inserir nos agrupamentos da sociedade humana. Um ensino que desconheça ou marginalize a dimensão moral e religiosa das pessoas, em geral, e das crianças, em particular, constitui um obstáculo para a educação completa, porque as «crianças e os adolescentes têm direito de ser incentivadas a estimar rectamente a verdade e os valores morais e a abraçá-los pessoalmente, bem como a conhecer e a amar Deus mais perfeitamente»²⁹.

3.3. A identidade e o papel das Escolas Católicas

O que define a identidade das escolas católicas é a sua referência à verdadeira concepção cristã da realidade. As escolas católicas são, fundamentalmente, “sujeito eclesial”, na medida em que se enquadram no seio de uma pastoral orgânica da comunidade cristã. Como tais, “partilham a missão evangelizadora da Igreja e são lugar privilegiado no qual se realiza a educação cristã”³⁰ fundada sobre os princípios da fé católica.

Nas escolas católicas, as crianças formam a sua identidade e amadurecem a sua personalidade na base da educação que recebem através do testemunho e da fé dos pais, dos professores e dos agentes que intervêm no processo formativo. Isso significa que a palavra, a atitude e o conteúdo formativo que o professor oferece às crianças têm um poder decisivo na moldagem da sua personalidade e da sua fé.

Nas escolas católicas, os professores devem contar com uma formação religiosa permanente e activa e tomar consciência de que são os principais agentes da transmissão de conteúdos de fé às

²⁸ Cf. CL 26

²⁹ Cf. GE 1

³⁰ *Instrução da Congregação para a Educação Católica*, (25 de janeiro de 2022), n. 30



CONFERÊNCIA EPISCOPAL DE ANGOLA E SÃO TOMÉ

CEAST

crianças³¹. Eles são chamados a alimentar e a amadurecer sistematicamente a fé dos alunos com o testemunho de vida e exemplos práticos, como rezar sempre no início e no fim das aulas, organizar debates em matérias de religião e mandar trabalhos para casa com conteúdos religiosos, como incentivo para que os alunos saibam viver e aprofundar as verdades da sua fé.

Hoje, as escolas católicas são chamadas a um compromisso missionário e de testemunho, através de um projecto educativo inspirado no Evangelho³².

A Santa Sé recorda que o dever de reconhecer, respeitar e testemunhar a identidade católica da escola, exposta oficialmente em cada projecto educativo, aplica-se a “professores, pessoal não docente, alunos e suas famílias”³³. Reafirmando a doutrina do Magistério, a recente *Instrução da Congregação para a Educação Católica*, recorda que “os docentes e o pessoal administrativo pertencentes a outras igrejas, comunidades eclesiais ou religiões, bem como aqueles que não professam nenhum credo religioso, a partir de sua nomeação, têm obrigação de reconhecer e respeitar o carácter católico da escola”³⁴.

3.4. Cooperação Igreja-Estado

O Magistério da Igreja considera urgente e inadiável a educação cristã das crianças e a educação contínua dos adultos. Por isso, exorta a todos os que governam os povos ou orientam a educação para que providenciem que as crianças não sejam privadas deste sagrado direito; e aos «filhos da Igreja, a que colaborem generosamente em todo o campo da educação, com a intenção de que se possa estender o mais depressa possível a todos e em toda a parte os benefícios da educação e da instrução cristãs»³⁵.

Congratulamo-nos com a colaboração entre a Igreja e o Estado (*como plasmado no recente Acordo Quadro entre a República de Angola e a Santa Sé*). Nesta cooperação, contam-se, entre os primeiros beneficiários, as crianças, que têm recebido da Igreja e do Estado um ensino que concorre para a educação da sua fé e para a sua formação intelectual e humana.

Neste sentido, recomendamos que nos planos curriculares das nossas escolas, no futuro, façam parte algumas disciplinas de carácter religioso e moral. É dever da Escola Católica familiarizar as crianças com as tradições espirituais que contribuíram para a dignificação da cultura. Ora o Cristianismo, nas suas diversas “*confissões religiosas*”, figura entre as tradições espirituais que mais contribuíram para a construção da cultura angolana. Por isso, o ensino da Religião deverá ter um lugar de destaque na Escola Católica³⁶.

Por outro lado, é importante que as nossas instituições de ensino – *Escolas Católicas* – cooperem com os Gabinetes de Educação e Ensino do Estado, principalmente com o Departamento Ministerial, para que, de forma concertada, disponham de informações necessárias para tomarmos decisões fundamentadas e sustentáveis no planeamento de uma educação de valores e de qualidade para todas as crianças em Angola.

³¹ Cf. DC 311

³² DC n. 18

³³ *Instrução da Congregação para a Educação Católica*, (25 de janeiro de 2022), n. 37

³⁴ *Id.*, 39

³⁵ GE 1

³⁶ Cf. Art. 19 do Acordo-Quadro



IV CAPÍTULO

OS DESAFIOS CONTEMPORÂNEOS E A EDUCAÇÃO DA FÉ DAS CRIANÇAS

4.1. As tecnologias de informação e comunicação social na transmissão da fé

Hoje, as “*tecnologias de informação e comunicação social (TICS)*”, como *blogs, sites, Facebook, Whatsapp, Youtube, jornais online, canais televisivos, etc...* são instrumentos importantes para a evangelização e catequese. Estes meios devem ser transformados em veículos permanentes de comunicação dos conteúdos da fé para a educação cristã das novas gerações.

No contexto actual, não podemos ignorar a força dos TICS, pelo que devem ser usados para responder às actuais exigências das crianças, adolescentes e jovens, que são os principais usuários. Por isso, cabe à Igreja e a cada um de nós, educadores da fé, utilizar estes meios e incentivar as crianças para o seu uso consciente e legítimo na propagação da fé católica, em obediência ao mandato do Mestre: “*ide por todo o mundo e pregai o Evangelho a toda criatura*” (Mt 28,19a).

Para além das enormes vantagens e dos valores que as novas tecnologias oferecem à humanidade, reconhecemos, ao mesmo tempo, que “o ambiente digital é também um território de solidão, manipulação, exploração e violência, até ao caso extremo da *dark web*»³⁷. A experiência confirma o facto de que há cada vez mais crianças e adolescentes a entrar no mundo digital sem a orientação e o devido acompanhamento dos pais ou tutores. Muitas delas usam inadvertidamente a *internet* ou entram em grupos com pouco conhecimento dos riscos e perigos que o “*mundo digital*” representa para as suas vidas. Urge, pois, lembrar a todos os que têm a responsabilidade na educação da fé das crianças: pais, avós, sacerdotes, diáconos religiosos e religiosas, catequistas, educadores da infância, professores e outros agentes da pastoral, sobre a necessidade de uma maior atenção, orientação e acompanhamento das crianças na utilização destes meios.

Não recomendamos, nem sequer esperamos, que as crianças, em idade pré-escolar e escolar, consumam, nas redes sociais e em outros meios de informação, conteúdos de gente adulta, com o grave risco de ofuscar a sua fé e de deformar o seu crescimento psíquico e moral.

Apesar de todo o seu valor, o conteúdo digital não dispensa, nem substitui, o físico. Por isso, é muito recomendável que os agentes de pastoral da criança e os de comunicação social motivem as crianças a utilizar os meios de suporte físico, como manuais de catequese, a Bíblia em papel e outros instrumentos disponíveis. Ademais, naquelas Dioceses onde a *Rádio Ecclesia*, a *Rádio Maria*, ou outra rádio funcionam com regularidade, recomendamos que haja programas de educação cristã para a motivação e o fortalecimento da fé das crianças.

4.2. A fé e a educação ambiental

Hoje assistimos, com preocupação, a fenómenos naturais extraordinários por causa da destruição do meio ambiente, como o aumento do nível de água do mar, a desflorestação, a seca constante, as áreas outrora habitáveis a transformarem-se em deserto, a onda de migrações de pessoas e animais à procura de água e de melhores condições de vida, a poluição do ar, do mar e dos rios, a degradação da qualidade da vida humana e da situação social e tantos outros fenómenos

³⁷ DC 360



CONFERÊNCIA EPISCOPAL DE ANGOLA E SÃO TOMÉ

CEAST

extremamente destrutivos. Face a esta nova ordem de coisas inusitadas, as crianças devem ser iniciadas no cuidado do meio ambiente, cultivando, desde cedo, a consciência de que a fé deve comprometer-se com a vida e com o ambiente, através de pequenos gestos e acções diárias, como, «evitar o uso de plástico e de papel, reduzir o consumo de água, apagar as luzes desnecessárias, plantar árvores, diferenciar o lixo, etc»³⁸. Estes pequenos gestos criam nas crianças o hábito e o dever de cuidar da criação ao ponto de dar forma a um novo estilo de vida.

O Papa Francisco, na *Encíclica Laudato Si*, convoca a humanidade a agir em favor de uma ecologia integral da natureza e do homem na sua totalidade, à semelhança de São Francisco, que «manifestou uma atenção particular pela criação de Deus [...] e para quem toda a criatura era uma irmã unida a ele por laços de carinho»³⁹. Das mãos de Deus – diz o Papa Francisco – «recebemos um jardim, aos nossos filhos não podemos deixar um deserto»⁴⁰.

Precisamos de incentivar as crianças ao respeito pela natureza, mediante uma “*educação ambiental*” consciente e actuante. Como reitera o Papa Francisco, «hoje não podemos deixar de reconhecer que uma verdadeira abordagem ecológica sempre se torna uma abordagem social, que deve integrar a justiça nos debates sobre o meio ambiente, para ouvir tanto o clamor da terra como o clamor dos pobres»⁴¹. Ora, a voz e o gesto dos pais, dos agentes da catequese e dos professores, são uma base importante na construção da personalidade das crianças e da sua relação com Deus, com os homens e com a natureza.

Assim, o processo de formação da fé das crianças não pode colocar de parte a intenção de motivá-las e animá-las para o cuidado ecológico, dos irmãos, dos animais, das plantas e de toda “a casa comum”, como verdadeiro encontro com Deus e com a sua obra: «observem as aves do céu, que não semeiam, nem colhem, nem ajuntam em celeiros [...]. Aprendam com os lírios do campo [...] (Mt 6, 26a, 28b)». Essa formação deve inspirar-se no Bom Pastor que “cuida”. A educação ambiental das crianças passa sobretudo por uma linguagem clara e aberta sobre os perigos que a área ecológica corre no nosso tempo.

Que as crianças, ao observarem os terremotos, os vulcões, a falta de chuva e muitos outros fenómenos da natureza, com espírito de pertença e sobrevivência, lutem pelo ambiente, como irmãos e irmãs que vivem na mesma casa e que precisam cuidá-la para sermos felizes. Esse ensinamento desde a primeira infância, é uma semente de cidadania ecológica que estimula na criança o desejo e a consciência de ser guardião da “*casa comum*”⁴².

Portanto, é tarefa da família, da escola e da Igreja cultivar e desenvolver nas crianças o amor, o cuidado e o gosto pela natureza, motivando-as realizar actividades elementares que espelhem o respeito pelo meio ambiente, como as campanhas de limpezas em jardins, visitas a locais verdes, cuidar dos animais e das plantas. Assim, desde muito cedo, as crianças vão adquirindo hábitos que exprimem o empenho de si mesmas num compromisso ecológico, a partir do cultivo de virtudes cristãs e de valores humanos sólidos.

³⁸ Cf. LS 211

³⁹ Cf. Id., 10-11

⁴⁰ Cf. Papa Francisco, *Mensagem de encerramento do 5º aniversário da Laudato Si*, (25 de Maio 2021).

⁴¹ LS, 49.

⁴² Sínodo dos Bispos, Amazônia: “*Novos caminhos para a Igreja e para uma ecologia integral*”, Brasília, ed, NBB, 2019, n. 65



CONFERÊNCIA EPISCOPAL DE ANGOLA E SÃO TOMÉ

CEAST

V. CONCLUSÃO

A educação da fé das crianças passa por vivermos a *sinodalidade*, por trabalharmos em comunhão. No caminho sinodal é importante que ninguém ande isolado.

O Papa Francisco recorda-nos que os eventos globais despertaram em nós «*a consciência de sermos uma comunidade mundial que viaja no mesmo barco, onde o mal de um prejudica a todos [...], onde ninguém se salva sozinho, que só é possível salvar-nos juntos*»⁴³. A comunhão deve ser a base da nossa convivência como Igreja.


Os discípulos foram ensinados a chamar a Deus Pai. Eles tinham consciência de serem irmãos. Assim, a visão de comunhão nas acções deve ser a nossa orientação e o nosso objectivo a atingir. No âmbito da transmissão da fé às crianças, é importante que tenhamos a mesma linguagem, que haja maior intercâmbio nos planos e nos conteúdos para a formação das crianças, quer ao nível inter-diocesano, quer ao nível inter-paroquial e demais protagonistas da formação das crianças.

A comunhão deve ser realizada através da participação de todos. Somos uma Igreja, somos um corpo e Cristo é a cabeça (*Rom 12,5; 1Cor 12, 25*). É importante que cada um exerça a sua função. Os pais, os sacerdotes, os diáconos, os religiosos, os leigos, os professores, a Igreja e o Estado, todos, têm uma tarefa imprescindível que devem desempenhar com zelo. Só assim, com essa consciência, conseguiremos ajudar a criança na educação da sua fé.

A comunhão e a participação devem levar à missão. Essa missão deve ser, ao mesmo tempo, incisiva e inclusiva, isto é, deve atingir a todos, mas de modo especial as crianças, que são o presente e o futuro da Igreja e da sociedade.

Luanda, 21 de Julho de 2022

P'los Bispos de Angola e São Tomé e Príncipe


† José Manuel Imbamba
Arcebispo de Saurimo e Presidente da CEAST



⁴³ FT 32



CONFERÊNCIA EPISCOPAL DE ANGOLA E SÃO TOMÉ

CEAST

SIGLAS

- AAConc. Ecum. Vaticano II, Decreto, *Apostolicam Actuositatem* (18 de novembro de 1965)
- AG.....Conc. Ecum.Vaticano II, Decreto, *Ad Gentes* (7 de dezembro de 1965)
- CCE.....Catecismo da Igreja Católica (1992)
- CCEO.....Código dos Cânones das Igrejas Orientais (21 de novembro de 2020)
- CICCodex Iuris Canonici (25 janeiro 1983)
- Chrf.LJoão Paulo II, Christifedeles Laici (30 dezembro de 1988)
- CTJoão Paulo II, Exort. apost. *Catechesi Tradendae* (16 de outubro de 1979)
- DCConselho Pontifício para a Nova Evangelização, *Directório para a Catequese* (2020)
- DGCCongregação para o Clero, Directório Geral para a catequese (1997)
- EGExort. Apost. *Evangelii Gaudium* (24 de novembro do ano de 2013)
- ENPaulo VI, Exort. apost., *Evangelii Nuntiandi* (8 de dezembro de 1975)
- FCJoão Paulo II, Exort. apost., *Familiaris Consortio* (22 de novembro de 1981)
- GE.....Conc. Ecum. Vaticano II, Declaração, *Gravissimum Educationis* (28 de outubro de 1965)
- LGConc. Ecum. Vaticano II II, Const. Dogm. *Lumen gentium*
- LS.....Francisco, Carta Enc. *Laudato si'* (24 de maio de 2015)
- ICEC Instrução da Congregação para Educação Católica (25 janeiro de 2022)
- NCIC.....Catecismo da Igreja Católica (11 de outubro de 1992)
- NMI.....João Paulo II, *Novo Millennio Ineunte* (6 de janeiro de 2001)
- PC.....Francisco, Carta Apostólica, *Patris corde* (8 Dezembro de 2020)
- RICARitual de Iniciação Cristã de Adulto (1972).
- SC.....Conc. Ecum. Vaticano II, Const., *Sacrosanctum Concilium* (4 de dezembro de 1963)
- SSSua Santidade
- UCAUniversidade Católica da Argentina (UCA), em Buenos Aires